José Martiniano de Alencar

PELO BARÃO DE STUDART

Este illlustre cearense, o creador do romance brasileiro, dramaturgo, poeta, jornalista, jurisconsulto e parlamentar, a quem o Ceará no dia de hoje immortaliza no bronze, erguendo-lhe numa de suas praças custoso monumento, nasceu não em Fortaleza, como dizem o "Nouveau Larousse Illustré" e a "Grande Encyclopedie", mas em Mecejana, a 1º de maio de 1829.

Foram seus paes o senador José Martiniano de Alencar, mui illustre e prestigioso politico que teve a Provincia, e d. Anna Josephina de Alencar, fallecida no Rio a 3 de fevereiro de 1867.

Teve por avó paterna d. Barbara de Alencar, heroìna do movimento republicano de 1817.

Por um verdadeiro capricho do destino veiu a consorciar-se Alencar, a 20 de junho de 1864, com d. Georgina Cochrane, neta do celebre almirante Lord Cochrane, o homem que offerecera amnistia a todos os implicados na tormenta revolucionaria de 24, excepção feita de seu tio, o grande patriota Tristão Gonçalves.

Aos dezesete annos, depois de haver feito os estudos preparatorios no collegio de Januario Matheus Ferreira, matriculou-se na Faculdade de Di-

reito de São Paulo, onde se bacharelou em leis em 1850, havendo, porém, cursado o terceiro anno em Pernambuco.

Em 1846 fundou a revista *Ensaios Literarios*, de que foi redactor principal, tendo por companheiros Coelho de Castro, João Guilherme Whitaker e João de Almeida Pereira; nos *Ensaios* publicou, entre outros, um trabalho sobre o indio Camarão.

Transferindo sua residencia em 1850 para a capital do imperio, abriu ahi banca de advogado. Pouco depois recebeu a nomeação de professor de direito mercantil no Instituto Commercial.

De 1851 a 1855 fez parte do corpo redaccional do *Correio Mercantil*, sendo desse tempo os seus apreciados folhetins sob o titulo: *Ao correr da penna*, posteriormente reunidos em volume.

Foi então igualmente collaborador do *Jornal do Commercio*, em cujas columnas travou, mais tarde, em 1863, renhida polemica com o dr. Homem de Mello sobre a Assembléa Constituinte de 1823.

Em outubro de 1856 chamou a si a direcção e redacção do *Diario do Rio de Janeiro*.

Neste jornal appareceram suas celebres *Cartas* sobre a Confederação dos Tamoyos, o conhecido poema de Gonçalves de Magalhães, vinconde de Araguaya. Assignava-as com o pseudonymo de Ig., as primeiras letras do nome *Iguassú*, a heroina do poema.

As *Cartas*, que foram tambem tiradas em avulso, produziram profunda sensação.

Não havendo quem viesse a campo para defesa do poema incriminado, o imperador d. Pedro II, grande amigo e protector de Magalhães, conseguiu que Mont'Alverne tomasse-lhe o patrocinio. A discussão travada, então, entre o critico cearense e o illustre franciscano manteve-se sempre em altura digna dos contendores. Finda a brilhante polemica, Mont'Alverne procurou e visitou a José de Alencar. Era a primeira vez que se avistavam.

Em 1859 foi nomeado chefe de secção da Secretaria do Ministerio da Justiça.

Um anno depois, em 1860, os cearenses fizeram-no seu representante na Camara Geral, facto que, mui merecidamente, se repetiu em 1869, 1872 e 1877.

Subindo ao poder em 1868 o Partido Conservador, o marquez de Itaborahy, organizador do Ministerio de 16 de julho, convidou José de Alencar para occupar a pasta da Justiça. Divergencias no seio do gabinete forçaram-no a abandonar o posto a 10 de Janeiro de 1870 e a lançar-se no campo da opposição.

De 1869 a 1870 redigiu o *Dezeseis de Julho*, jornal em que collaborava seu irmão Leonel de Alencar, mais tarde barão de Alencar.

Por motivo de molestia transportou-se á Europa em 1876, mas não logrando restabeleecr-se, voltou á patria, vindo a fallecer no Rio de Janeiro, victima de uma affecção pulmonar, a 12 de dezembro de 1877.

Levou-o a morte quando estava a publicar *O Protesto*, periodico de 16 paginas, em 8º, de que vieram a lume cinco numeros, e a imprimir o seu poema *Os Filhos de Tupan*, de que pretendia tirar uma pequena edição, para distribuir entre amigos.

Os tres cantos de *Os Filhos de Tupan* estão publicados nos primeiros volumes da "Revista da Academia Brasileira de Letras. De Alencar ha tambem publicado na "Revista da Academia" um fragmento do romance *O Pagem Negro*.

OS PRINCIPAES TRABALHOS DE JOSE' DE ALENCAR

A lista dos trabalhos deixados por José de Alencar é extensissima. A seguir vão consignados os principaes.

O Guarany, episodios da historia do Brasil nos

tempos coloniaes, Rio de Janeiro, 1857, 4 volumes in 8°. Ha 2ª edição, de Paris, 1868, em 2 volumes; 3ª e 4ª edições tambem de Paris, 2 volumes in 8°; 5ª edição, saida no Rio de Janeiro em 1887. Existem ainda uma edição com gravuras, embora de pouco valor, pertencente á Casa Editora de São Paulo, 1906, uma edição da Livraria Garnier, Rio de Janeiro, em 2 volumes, 1914, e uma outra da Collecção Chic, Rio, 1915, tambem em 2 volumes.

Essa notavel producção appareceu primitivamente em folhetim no *Diario do Rio de Janeiro*, em 1856.

Desse romance, que é o mais popular de quantos escreveu, ha traducções em francez, allemão, italiano e inglez. Ninguem ignora que de seu contexto fez o poeta Scalvini o libreto para a opera "O Guarany", que imortalizou o maestro Carlos Gomes.

Commemorando em 1883 o fallecimento do grande cearense, escreveu Capistrano de Abreu na *Revista do Centro Literario e Scientifico José de Alencar*:

"Ninguem melhor que elle teve a intuição da vida colonial; ha paginas do *Guarany* e das *Minas de Prata*, que valem por longas monographias. Foi tambem elle quem primeiro manifestou as tendencias modernas, e o que ha de bom e natural no estylo dos escriptores tambem actuaes é do seu exemplo que deriva".

O Marquez do Paraná, traços biographicos, Rio de Janeiro, 1856, in 16, de 35 pp. com retrato.

Cinco Minutos, A Viuvinha, romance, Rio de Janeiro, 1856, 85 pp. in 8°.

O demonio familiar, comedia em 4 actos, Rio de Janeiro, 1857, in 8°, de 159 pp. pela primeira vez levada á scena no "Gymnasio", a 5 de dezembro. E' uma obra de propaganda contra a escravidão. Teve 2ª edição, em 1864, Rio de Janeiro, in 12.

Verso e Reverso, comedia em 2 actos, Rio de Janeiro, 1857, in 8º de 78 pp. Foi levado á scena pela primeira vez a 28 de outubro. Saiu uma 2ª edição em 1864, Rio, in 8º.

Carta que aos eleitores da provincia do Ceará dirige, etc., Rio de Janeiro, 1860, 20 pp. in fol. Typ. Torres.

A Noite de São João, comedia lyrica em 2 actos. Fez a musica o maestro Elias Lobo, Rio de Janeiro, 1860, in 8º, de 49 pp.

As azas de um anjo, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo, Rio de Janeiro, 1860, in 8º, 215 pp. Subira á scena em "premiére" no Gymnasio Dramatico, Rio, a 30 de maio de 1858 e teve os seguintes interpretes Paiva, (Luiz Vianna); Heller, (Ribeiro); Graça, (Aráujo); Couto (Pinheiro); Pedro Joaquim (Menezes); Arêas (Antonio); Freitas (José); Adelaide Amaral (Carolina); Margarida (Noronha); e Helena, (Clotilde).

Por causa dessa peça andou o autor desavindo com as autoridades policiaes.

Mãe, drama em 4 actos, levado á scena pela primeira vez no Gymnasio Dramatico em 1860 e publicado em 1862.

Luciola, perfil de mulher, Paris, 1862, 194 pp., in 8º. Teve 2ª, 3ª e 4ª edi., todas de Paris, e 5ª, do Rio de Janeiro. Era assignado com as inciaes G. M., o que deu logar a que se attribuisse durante algum tempo o livro e Gaspar Martins, o fogoso tribuno riograndense.

As Minas de Prata, romance historico, Rio de Janeiro, 1862. Esta edição não ficou completa; seguiu-se-lhe uma outra, Rio de Janeiro, 1865, 6 volumes, in 8º. Desse romance ha tambem uma edição de Paris, 1877.

O visconde de Taunay (*Reminiscencias*) considera as *Minas de Prata* como seu livro de maior folego e ajunta: "Estabelecendo-se confronto com outras obras desse genero e sobretudo de procedeu-

cia portugueza, das quaes a mais notavel é, sem duvida, *Os Bandeirantes*, de Mendes Leal, podem *Minas de Prata* ser tidas em conta de verdadeira obra prima".

Diva, perfil de mulher, com tres edições de Paris, 1861, in 8°, de 164 pp., 1868, 1870.

Iracema, lenda do Ceará, Rio de Janeiro, 1865, in 8.° O editor David Corazzi, de Lisboa, incluiu *Iracema* entre os volumes da *Bibliotheca Universal, antiga e moderna*.

Além da edição de 1865 ha ainda as seguintes: de 1870, de 1875, essa de Paris, de 1896, de 1903, Rio, (Jacyntho Ribeiro dos Santos, editor); outra da Collecção Alves, Rio, 1909.

Existe uma 8ª edição, Garnier, editor, sem data, revista por Mario de Alencar.

De *Iracema* ha duas traducções inglezas, devidas ás pennas de Burton e de Sadler.

Ao Imperador, cartas politicas de Erasmo, Rio de Janeiro, Typographia de Candido Augusto de Mello, 1865, in 8°, de 92 pp. Com 2ª edição em Paris, 1865, e 3ª, no Rio, 1866, Typ. de Pinheiro & Cia.

A primeira dessas cartas é de 17 de novembro.

Ao Imperador, novas cartas politicas de Erasmo, Rio de Janeiro, 1866, 82 pp.

Ao povo, cartas politicas de Erasmo. Ao Marquez de Olinda, ao Visconde de Itaborahy, Rio de Janeiro, 1868. São anonymas.

Pagina da actualidade. Os partidos, Rio de Janeiro, in 4°, de 32 pp.

O Juizo de Deus. Visão de Job, pamphleto politico, Rio de Janeiro, 1867.

Uma these constitucional, a princeza imperial e o principe consorte no Conselho de Estado. Rio de Janeiro, 1867, Livraria Popular de A. A. da Cruz Coutinho, rua São José, 75.

A Côrte do Leão, obra escripta por um asno, Rio de Janeiro, 1867, in 4°, de 16 pp., Typographia de Pinheiro & Cia.

O Marquez de Caxias, Biographia, Rio de Janeiro, Typ. de J. Villeneuve & Cia., 1867, in 4°.

A Expiação, comedia em 4 actos, Rio de Janeiro, 1868, in 8°, de 148 pp.

O systema representativo, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1868 in 8°, pequeno.

Relatorio do Ministerio da Justiça, apresentado á Assembléa Geral Legislativa, Rio de Janeiro, Typ. Progresso, 1869, 2 volumes, in 4° pequeno.

Camara dos Deputados. Discussão do voto de graças. *Discurso*, proferido na sessão de 9 de agosto de 1869, Rio de Janeiro, Typ. de J. A. dos Santos Cardoso, rua Gonçalves Dias n. 60, 1869.

Nesse tempo José de Alencar era ministro e secretario de Estado dos Negocios da Justiça.

O Gaúcho, romance brasileiro, por Senio, Rio de Janeiro, 1870, 2 volumes, in 8°.

A pata da gazella, romance brasileiro por Senio, Rio de Janeiro, 1870.

O tronco do Ipé, romance brasileiro, por Senio, Rio de Janeiro, 1871, 2 volumes, in 8°.

Sonhos de Ouro, romance brasileiro por Senio, Rio de Janeiro, 1872, volumes, in 8°.

Guerra dos Mascates, chronica dos tempos coloniaes, por Senio, Rio de Janeiro, 1873, 2 volumes, in 8°.

Alfarrabios, chronicas dos tempos coloniaes, Rio de Janeiro, 1873. São 2 volumes in 8°, o primeiro dos quaes contem *O Garatuja*, e o segundo *O Ermitão da Gloria* e a *Alma de Lazaro*.

O Novo Cancioneiro, série de cartas a um amigo, 1874. Esse trabalho, que é um estudo de folk-lore, saiu publicado em "O Globo".

Ubirajara, lenda Tupy, Rio de Janeiro, 1875, in 8°, de 208 pp. Sob o titulo Ubirajara Roman aus den Urwaldern Brasiliens, ha uma traducção por G. Th. Hoffmann, Leipzig, 1886.

Ha tambem da mesma lenda uma traducção ingleza, em verso, publicada em 1922 por Sadler.

Til, romance brasileiro, Rio de Janeiro, 1875, 2 volumes in 8°. Está traduzido em allemão por G. Th. Hoffmann.

Discursos, proferidos na Camara dos Deputados, durante a sessão de 1874, Rio de Janeiro, Typ. de J. Villeneuve & Companhia, 1874, in 8°, de 122 pp.

Senhora, perfil de mulher, Rio de Janeiro, 1875, em 2 volumes, in 8°. Essa obra, bem como *Luciola* e *Diva,* estão assignadas por G. M.

O Jesuita, drama em 4 actos, Rio de Janeiro, 1875, in 8°, de 229 pp. Esse trabalho, escripto em 1861, deu occasião a uma violenta polemica com Joaquim Nabuco ("Globo, folhetins aos domingos).

Encarnação, romance publicado nas columnas do "Diario Popular", Rio de Janeiro, e cujo producto monetario foi applicado pelo autor ao soccorro das victimas da secca de 1877. Já anteriormente o *Guarany* contribuira com um conto de réis para a Santa Casa de Misericordia de Fortaleza.

Encarnação saiu em livro em 1909, editor Garnier, com prefacio de Mario de Alencar, filho do autor e membro da Academia Brasileira de Letras.

Esboços Juridicos, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, livreiro editor, rua do Ouvidor, 71, 1883, 239 pp., com uma introducção.

A propriedade, com uma prefaciação do exmo. sr. conselheiro Antonio Joaquim Ribas, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, livreiro editor, rua do Ouvidor 71, 1883, 209 pp., e 12 capitulos. A prefaciação é de 12 pp.

Como e porque sou romancista, Rio de Janeiro, Typ. de Leuzinger & Filho, in 8°, de 56 pp., editado por Mario de Alencar, em abril de 1893.

O credito, comedia em 5 actos, publicada na "Revista Brasileira", 1895|96. Foi escripta em 1857 e representada em 1858.

De um estudo de Araripe Junior sobre o grande romancista (Literatura Brasileira, 1ª edição,

1882 e 2ª, de 1894), vê-se que Alencar deixou larga copia de trabalhos inéditos.

Chichorro da Gama em seu livro "Através do Theatro Brasieliro" cita dois dramas não concluidos, *Gabriella* e *O abbade*, e, Arthur Motta, no Livro "José de Alencar" (Sua vida e sua obra), traz a lista de 21 obras inéditas, entre as quaes os poemetos *Nictheroy* e *Rio de Janeiro* e o poema epico *Temora*.

José de Alencar é o patrono da cadeira n. 23, da Academia Brasileira de Letras, occupada por Machado de Assis, Lafayette Pereira e Alfredo Pujol.

Sobre a individualidade do insigne escriptor patricio, o Fenimore Cooper do Brasil, como o designou G. Pawlowki, consultem-se:

Magalhães de Azevedo, *José de Alencar*, discurso pronunciado no Cassino Fluminense, em 1894.

José Verissimo, *Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, 1877-1885, e *Estudos de Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, 1903.

Sylvio Roméro, *A Literatura Brasileira e a Critica Moderna*, Rio de Janeiro, 1880.

Brandão Pinheiro, *Estudos Literarios e Biographicos*, Rio de Janeiro, 1882.

Lopes Trovão, *José de Alencar, o romancista*, Rio de Janeiro, 1897, na Bibliotheca da Livraria do Povo.

Teixeira de Mello, *Ephemerides Nacionaes*.

Innocencio da Silva, *Diccionario*, vol. V, pg. 60 e XIII, pag. 128.

Arthur Motta, *José de Alencar* (*O escriptor e o politico*), *Sua Vida e sua Obra*. 1921, F. Briguet & Cia., editores, rua Sachet n. 23, Rio de Janeiro.

Oswaldo Orico, *A vida de José de Alencar*. Companhia Editora Nacional, rua dos Gusmões, 26, 1929.

Os *trabalhos* publicados na "Revista da Academia Brasileira de Letras", numero de maio de 1929.